



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



MASCULINIDADES, PATERNIDADE RESPONSÁVEL E SUAS IMPLICAÇÕES FAMILIARES

Andreza Carvalho Cardoso¹ Jéssica da Costa Mariano²; Fátima de Queiroz Cosmo Lopes³; e Flávio Alves da Silva⁴

1. Estudante – curso de Psicologia; e-mail: andrezapsico.95@gmail.com;
2. Estudante – curso de Psicologia; e-mail: mariano.jessica1@gmail.com;
3. Estudante – curso de Psicologia; e-mail: faticosmo@yahoo.com.br;
4. Professor – UMC; e-mail: flaviosilva@umc.br.

Área do conhecimento: Psicologia.

Palavras - chave: Paternidade, Cuidado, influências e papéis sociais.

INTRODUÇÃO

A família pode ser considerada como o primeiro contexto social no qual o ser humano é inserido, surgindo de maneira natural e autêntica, com a intenção de procriação, compartilhamento biológico, espiritual, sexual, entre outros aspectos que se caracterizam como uma sociedade familiar (MOREIRA, 1980). Segundo Cardin (2009) na constituição dita como tradicional da família brasileira, onde a composição é pai, mãe e filhos há uma grande carga de influência das famílias romanas, germânica e canônica, onde na antiguidade a mulher era colocada de maneira inferior comparando-se ao homem e ele era considerado como o maior e principal responsável seguindo o sistema patriarcal. Segundo Staudt e Wagner (2008), a maneira de organização familiar frente à sociedade, acabou sendo normatizada e internalizada passando de geração em geração. Entretanto sabe-se que esta composição dita como tradicional, bem como as atribuições a elas impostas, como a colocação do homem como provedor financeiro e da mulher o suporte afetivo e os cuidados, vem se alterando por diversos motivos. Dentre eles se encontra a alteração feita pela Constituição Federal de 1988 ao ampliar o conceito de família identificando a união estável, a composição de um dos pais com os filhos e a família oriunda do matrimônio como entidades familiares, sancionando ainda o direito ao planejamento familiar juntamente com a paternidade responsável. Para Carvalho (2008), tanto os homens como as mulheres precisam cuidar dos filhos, pois o "cuidado faz o cuidador", porém os homens desenvolvem essa capacidade conforme as circunstâncias, porque nunca foram preparados para ter esse "cuidado", eles precisam ser estimulados. Diante disto, esta pesquisa parte da hipótese de que, com todas as alterações dentro das instituições familiares e nas atribuições e articulações dos papéis sociais, ainda existem cristalizações que muitas vezes impedem ou limitam a participação do homem referente a ocupações anteriormente ditas como femininas, como o cuidado da prole, a execução de alguns afazeres domésticos e, principalmente, a demonstração de afeto com os filhos. Para o homem participar ativamente deste desenvolvimento, pode ser considerado como transcender as expectativas impostas e ultrapassar caracterizações de que ele também pode e deve exercer com cuidado. Acredita-



se ainda que a noção de afeto, cuidado e participação podem ser distorcidas na perspectiva masculina, porque o pai não tem um parâmetro adequado de comparação para se pautar em suas ações, contribuições e realizações, visando alcançar uma participação responsável e ativa para com o filho. Muitas músicas, filmes, peças teatrais entre outras formas de expressão cultural manifestam que o homem é a pessoa mais destemida, que possui uma boa remuneração, é hetero, viaja, possui uma vida considerada invejável dentro das possibilidades, poucos passam a mensagem de uma figura responsável, carinhosa ou outros traços considerados pelo senso comum como mais frágeis. Esta grande influência pode ser um agravante para um padrão de homem/pai ideal. Passando a ideia de que as ações propostas para o masculino são quase sempre a de melhorar a vida das mulheres e enaltecer a vivência masculina (MOREIRA; TONELI, 2013).

OBJETIVOS

Identificar nas histórias de vida dos depoentes o processo de construção do papel de pai, a influência das masculinidades e suas implicações na vida cotidiana de homens que participam ativamente do cuidado com seus filhos. E como objetivos específicos: Discutir como aspectos relacionados às masculinidades influem na relação com os filhos e no assumir-se pai; Analisar as experiências e os sentimentos dos pais em relação aos papéis assumidos ao tornar-se pai; Identificar como as experiências anteriores e referências paternas e familiares contribuem na construção da paternidade responsável.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, utilizando a História Oral de vida como metodologia, a coleta de dados foi elaborada por meio de entrevista aberta conforme o proposto por Meihy (1991), utilizando como pergunta disparadora: “Pode nos contar sobre sua experiência como pai?”. Teve como participantes 10 (dez) pais que residem na região do Alto Tietê e em São Paulo. As entrevistas aconteceram de maneira individual, previamente agendadas e seguindo a disponibilidade dos participantes. Após as entrevistas, foram realizadas transcrições fiéis do que foi dito, depois transcritas e em seguida foi realizada cartografia por entre todos os depoimentos para conhecer onde neles a questão inquietadora se impõe. Alguns relatos foram selecionados partindo do critério de exemplaridade: narrativa de depoimentos reveladores do mérito da questão. Há recortes de falas desses depoimentos com reflexões dos pesquisadores, como tentativa de refletir sobre as experiências vivenciadas pelo homem e seus enfrentamentos relacionados à paternidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências de paternidade, suas vivências, obstáculos enfrentados, bem como as conquistas são individuais, sentidas e percebidas de maneira única.

[...] O pai de verdade não vê diferença em ser mãe ou pai

Porque ele consegue fazer os dois papéis [...]. (HORTA, 2019).



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC

Apontar o termo paternidade ativa/responsável primeiramente pode levar à compreensão errônea que há um imenso abismo acerca da paternidade em si, no entanto uma dúbia palavra para um único ato e fazer, o tornar-se e ser pai. Cabe então um questionamento: Será que se tornar ativo na educação, cuidados, afeto e ensinamentos são algo opcional ao homem que se tornou pai? E o que é e como seria essa participação ativa?

“[...] Fico pensando com relação às coisas que eu poderia ter feito, mas se falar do que fiz: eu ajudei muito a minha esposa com a maternidade, eu acredito né, trocava fraida dava banho na neném” (D3)

Entrelaçando algumas vivências pode-se a priori elencar essa participação paterna em atividades que dizem respeito à alimentação, higienização, educação, lazer, entre outros comportamentos não verbalizados durante as entrevistas, surgindo assim outro questionamento relacionado ao afeto e cuidado, participação nos momentos no hospital ou consultas periódicas. De que forma se espera que o homem contribua na paternidade ativa, ou paternidade? Ter como ponto de partida um referencial já vivenciado pode dar ao indivíduo um norte de suas próximas realizações e caminhos a serem trilhados, antes de tornar-se pai, o homem foi filho e experienciou situações na qual provavelmente idealizou fatos e acontecimentos com o seu responsável e espelho, como em muitos outros procuram não repetir. Como é representado na música do Gabriel pensador, muito orgulho meu pai:

[...]Quando eu cresci eu queria ser que nem você

Agora eu já cresci e ainda quero ser

Eu tenho a cara do pai e tenho cada vez mais

Eu tenho os olhos do pai e o coração[...]. (O PENSADOR, 2019).

Entre as entrevistas realizadas, percebe-se que os homens têm uma nova visão sobre a família, muitos participam da decisão de ter ou não um filho, conversam sobre isso com a esposa, acompanham toda a gestão, são presentes nas consultas de pré-natal, no parto, saindo somente da preocupação financeira. Essa criança ao nascer conta com um pai presente que vivencia cada momento cuida dela e da família, divide as tarefas com a esposa, isso faz com que ele caminhe para uma masculinidade menos rígida, fazendo uma reflexão sobre isso. (LIMA, 2014).

CONCLUSÃO

No decorrer das entrevistas e transcrições, deu-se à luz de que a hipótese inicial se confirma, entretanto com alguns parênteses que podem ser discutidos em futuras pesquisas. Ao longo dos anos houve mudanças significativas no pensamento masculino, nos ideais criados para os mesmos e conseqüentemente na paternidade. Acredita-se então que uma grande parte das cristalizações existentes relacionadas ao cuidado e afetividade, partem das próprias influências de gênero, que mesmo sendo enfrentadas ainda precisam ser rompidas. Ainda há uma estranheza em ver um pai viajando sozinho com o filho, levando ao hospital ou em outras atividades mais “femininas” e não houve apontamentos relacionados a isso, porém, observam-se formas diferentes de lutar pela paternidade.

**REVISTA CIENTÍFICA DA UMC**

“A maior dificuldade de ser pai é você tentar proporcionar sempre o melhor para o seu filho, tudo, desde um brinquedo a um estudo, vestimenta, alimentação, essa é a maior dificuldade, mas o privilégio de você na hora de passar por tudo isso para dar sempre o melhor para eles e ver um sorriso, ganhar um abraço um beijo e o maior privilégio que nós podemos ter”. (D7)

“Tento acertar o máximo possível, por mais que eu tente fazer eu acho que eu sempre estou fazendo pouco e sempre quero fazer mais e mais, mas eu acho que isso e todo pai, querer sempre o melhor para o filho né” (D10)

O estudo atingiu os objetivos propostos, porém, dado o tamanho da população pesquisada, não permite generalizações, assim, sugere-se novos e mais amplos estudos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 out. de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 6 jun. 2020.

CARDIN, Valéria Silva Galdino. Do planejamento familiar, da paternidade responsável e das políticas públicas. **IBDFAM**, Belo Horizonte, nov. 2009. Disponível em: <http://www.ibdfam.org.br/assets/upload/anais/223.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.

CARVALHO, Maria Luiza de Carvalho. Desencorajamento de gênero e auto-regulação entre pais cuidadores sem as mães. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 13º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais. Curitiba, Centro Reichiano, 2008. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais-2008/CARVALHO-Maria-Luiza-Desencorajamento.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.

HORTA, Luciana. Poesia: A Paternidade. **Frases. Tube**, 2019. Disponível em: <https://frases.tube/autor/luciana-horta?page=2>. Acesso em: 1 set. 2021.

LIMA, Daniel Costa. Paternidade: Uma revolução dos afetos. **Rede Nacional Primeira Infância**, Rede ANDI, Brasília, dez. 2014. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/paternidade-uma-revolucao-dos-afetos/>. 1 set. 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 1991.

MOREIRA, Josefa Jorge. A Família e a Paternidade Responsável. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v.33, n.1, p.81-91, 1980. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v33n1/0034-7167-reben-33-01-0081.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Paternidade responsável: problematizando a responsabilização paterna. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 388-398, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/16.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.

O PENSADOR, Gabriel. **Muito Orgulho, Meu Pai**. Lançamento, 2019. Disponível em:



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



<https://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/muito-orgulho-meu-pai.html>. Acesso em: 1 set. 2021.

STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia: Teoria e Prática**, Mackenzie, São Paulo, v. 10, n.1, p. 174-185, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193818625013.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.